

DOI: 10.20911/21799024v15n2p143/2024

O messianismo de Jesus e a Kénosis: Uma abordagem introdutória à relação entre o Messias inaudito e o hino cristológico de Fl 2, 6-11

**The Messianism of Jesus and the *Kenosis*:
An introductory approach to the relationship between the unheard of
Messiah and the Christological hymn of Phil 2:6-11**

Oziel da Rocha¹

Resumo: O presente artigo buscou a elaboração de uma reflexão a partir da visão do hino cristológico de Filipenses 2, 6-11, percebendo a relação com a concepção de Messias presente na literatura do Evangelho de Marcos. Desse modo, o trabalho identifica que as primeiras comunidades cristãs produziram uma visão teológica do Cristo crucificado e exaltado por sua obediência a Deus sem reservas, no desapego incondicional de sua condição divina a fim de servir a humanidade até às últimas consequências. A investigação hermenêutica se sustenta a partir da pesquisa bibliográfica, cujo objetivo principal foi introduzir a reflexão cristológica à luz da fé cristã. A investigação justifica-se pela necessidade de demonstrar como os textos bíblicos, de tipologias diferentes, traduzem a experiência de fé das primeiras comunidades. Trata-se de um estudo que expressa, através da exegese do hino cristológico, que a liturgia das primeiras

¹ Graduado em Filosofia pelo ISTA-BH, Licenciado em Sociologia pela UNIASSELVI-SC, Especialista em Gestão Educacional pela Faculdade APOGEU-DF, Professor de Filosofia do Estado de Minas Gerais, Mestre em Filosofia pelo PPGFIL-U-FU. Cursou disciplinas de teologia na FAJE (2011-2013). Atualmente, é professor de filosofia no IFPR – Campus Barracão.

comunidades se conectava à experiência da vida de Jesus de Nazaré, o Messias inaudito, inesperado, que revelou o profundo amor trinitário pela humanidade.

Palavras-chave: Filipenses. Marcos. Esvaziamento. Messianismo. Cristologia.

Abstract: This article sought to develop a reflection based on the vision of the Christological hymn of Philippians 2:6-11, understanding the relationship with the conception of the Messiah present in the literature of the Gospel of Mark. In this way, the work identifies that the first Christian communities produced a theological vision of Christ crucified and exalted for his unreserved obedience to God, in the unconditional detachment of his divine condition in order to serve humanity to the last consequences. The hermeneutical investigation is based on bibliographical research, the main aim of which was to introduce Christological reflection in the light of the Christian faith. The research is justified by the need to demonstrate how the biblical texts, of different types, translate the faith experience of the first communities. It is a study that expresses, through the exegesis of the Christological hymn, that the liturgy of the first communities was connected to the experience of the life of Jesus of Nazareth, the unheard-of, unexpected Messiah, who revealed the profound Trinitarian love for humanity.

Keywords: Philippians. Mark. Emptying. Messianism. Christology.

1. A Questão Messiânica

Segundo o *Dicionário Crítico de Teologia*, no Antigo Testamento, o termo hebraico *māshîah*, que originou “messias” (gr. *christos* “cristo”), não está ligado, a princípio, ao salvador escatológico no sentido em que o Novo Testamento passou a aplicar a Jesus. A princípio, “ungido” aponta para o sentido do rei histórico (Sl 105, 15)². Nos escritos do Novo Testamento, a pessoa de Jesus e o projeto do Reino foram compreendidos a partir do valor profético que se orquestra em torno do messianismo (Lc 4, 18-19; Mt 3, 16; Rm 3, 19-21, 2Pd 3, 13), ou seja, o messias está relacionado à escatologia, ao novo céu e à nova terra. Logo, o messianismo está ligado a um conjunto de representações oriundas da tradição de Israel, amalgamadas na tradição profética da justiça e da paz.

Nos textos bíblicos, o messianismo tem sua fonte na realeza, de forma especial em Davi, o ungido de Iahweh (1Sm 16, 13; 2Sm 5, 3). Davi se torna figura na qual se converge o ideal messiânico; para Renaud, “a instituição monárquica representa a armadura permanente desse conjunto complexo de representações que se denomina o m. [messianismo]. Outros modelos virão aglutinar-se em torno da figura real, que permanecerá o modelo de referência”³. A casa de

2 Cf. RENAUD, Bernard. Messianismo/Messias. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004. P. 1124-1128.

3 Cf. RENAUD, 2004, p. 1125.

Davi, sua descendência deve, segundo a tradição messiânica, assegurar a paz e a aliança com o Deus único e verdadeiro.

Mas a traumática e inesquecível ruína de Jerusalém e do Templo, acompanhada da deportação (Sl 89, 39-45) provoca uma guinada teológica, pois as instituições do passado não funcionam mais como garantidoras de salvação, uma vez que a infidelidade do povo através dos seus líderes são os responsáveis pelo fracasso histórico do povo. Daí, a teologia hebraica se vê obrigada a lançar para o futuro a “nova aliança” (Jr 31, 31-32). Mesmo com a diluição da monarquia, a imagem da realeza e a categoria de Reino continuaram a fazer a parte do arquétipo coletivo do povo hebreu da bíblia. Daí, podemos afirmar que a esperança escatológica permaneceu como aposta no grande acontecimento futuro no qual o enviado de Deus restauraria a justiça e a paz. O fim projetado aponta para um acerto de contas com aqueles que não seguiram os preceitos de Deus. Essa perspectiva messiânica contava com o fim da história, é o dia do Senhor, da justiça eterna. Assim, messianismo e escatologia não se confundem, mas também não são estanques.

O “messianismo escatológico”, robustecido após o exílio, contava com o tempo da realização da perfeição, relacionada à presença de uma figura mediadora da salvação. As reminiscências dessa visão de messianismo, com raiz numa figura forte, permaneceram na teologia judaica (Mq 5, 1; Ez 34, 23), mas com o fim do Exílio da Babilônia e a reconstrução do Templo, centro que orientará toda a vida de Israel, logo alvoreceu o messianismo sacerdotal, resgatando a dupla função presente no início da monarquia, período em que o rei exercia funções políticas e sacerdotais (Sl 110).

Seguindo a trajetória em torno da questão do messianismo, no Antigo Testamento encontramos ainda um messianismo profético. Ele surge a partir da representação do servo justo e fiel à Iahweh (Is 42, 1-9; 49, 1-9; 50, 4-11; 52, 13-53, 12). Este é o arquétipo do ser obediente a Deus até a morte mais humilhante, assumindo valor de expiação.

O livro de Daniel, literatura de cunho apocalítico, coloca a esperança no chamado “filho do Homem” (Dn 7, 13). Esta figura humana viria para estabelecer a justiça e libertar o povo oprimido. Ele age pelo poder do altíssimo, podendo ser o mais humilde dentre os homens (Dn 4, 14), pois o poder daquele que vem para libertar vem de Deus. Logo, a resistência política abarca a compreensão de uma esperança concreta sem perder de vista a transcendência. Nos escritos do Novo Testamento, Mateus convoca o discípulo a estar com Jesus até a cruz, ápice do caminho do discipulado (Mt 27, 55-56); em Marcos o segredo messiânico abre-se ao seu sentido pleno na cruz (Mc 15, 39); Lucas dá o verdadeiro sentido da justiça e da misericórdia na cruz (Lc 23, 47); o grande sinal da glorificação em João se dá na cruz (Jo 19, 28-29); em Paulo, o resgate do hino cristológico, inserido, na carta aos Filipenses revela que a morte de cruz é o auge da obediência de Jesus (Fl 2, 6-11). Posto isto, “a cruz desempenha, portanto, um papel metafórico: o de designar o imenso domínio do negativo como o lugar onde se realiza o resgate desse mesmo negativo”⁴.

4 Cf. DUQUOC, Christian. A Loucura da cruz e o humano. A Loucura da cruz e o humano. *Concilium*, Petrópolis, p. 99 –

1.1 O Messias Crucificado: autoridade, humanidade e impotência

O messias esperado e sonhado na tradição não veio. Alguns respiros de esperança afluíram no período da revolta dos Macabeus. Judas o macabeu pareceu ser o messias, mas não o era. Os discípulos de Emaús, decepcionados e tristes com a morte de Jesus, voltam ao lugarejo que lembrava aquele que um dia acreditaram ser o messias esperado (Lc 24, 13-35). A referência do texto à Emaús é proposital por parte do escritor, pois esse é um lugar que se refere aos macabeus, onde, surgira o aguerrido Judas, filho do sacerdote judeu Matatias, um líder militar que obteve certo êxito contra os inimigos de seu povo, principalmente contra o Império Selêucida.

O modo de vida de Jesus fundamenta, para os primeiros discípulos, a maneira pela qual toda a humanidade é convidada à salvação. Oriundo de Nazaré, algo escandaloso, o messias das primeiras comunidades, encanta pelo estilo de vida e por ter levado até o fim o projeto do Pai. Sua missão, porém, é partilhada com outros, com aqueles que se dispõem a fazer o percurso que Ele fez, guiados pelo Espírito Santo.

O evangelho de Marcos é constituído como o primeiro escrito sobre a identidade de Jesus e busca responder a uma pergunta fundamental dos seguidores de Jesus: que tipo de messias é Jesus? Que reino ele anuncia? Naquele contexto (anos 65-70), a geração dos que tinham experimentado o messianismo de Jesus (anos 30) esvanecera, restando ao evangelista preservar a memória do crucificado de Nazaré, um messias diferente, original. O escrito marcano é perpassado pelo segredo messiânico diante do qual o evangelista, pedagogicamente, realiza um itinerário que conduz seus leitores na descoberta deste messias.

A mensagem que subjaz em Marcos é a de que Deus não se manifesta aos homens com atributos de grandeza, força, poder, medo reverenciável. Por isso, em primeira instância os sábios e autoridades instruídos na religião se negaram a reconhecer nele o messias. Seria absurdo reconhecer em Jesus o filho de Deus. Na literatura marcana, Jesus se coloca como servo do Pai e da humanidade. O primeiro ato de humanidade de Jesus é a encarnação, o divino se faz humano e o humano passa a ser divino a partir da opção trinitária que almeja, pelos olhos da fé, colocar a humanidade em seu seio.

Marcos mostra sem reservas a humanidade de Jesus: “a vida de Jesus não se separa de nossa condição e sua missão se dá em vista dessa ligação estreita com nosso destino”⁵. O nazareno tem sentimentos humanos, fica irado (Mc 1, 41), entristece-se (Mc 3, 5), tem compaixão (Mc 6, 34), fica desiludido (Mc 8, 12). Não sabe de todas as coisas, pois precisa perguntar aos discípulos de que estavam falando (Mc 9, 16.33). Sentiu angústia e medo da morte (Mc 14, 33). Estes aspectos formam o retrato do messias apresentado por Marcos. Ao refletir a cristologia do evangelho de Marcos, Comblin afirma que

110, 1982. p. 102.

5 Cf. GOMES, 2011, p. 20.

a humanidade de Jesus era tão comum, tão normal, tão semelhante à nossa, tão afastada de qualquer manifestação da divindade, que os seus parentes se escandalizavam ao ver as obras que Jesus realiza, como se achassem que Jesus tinha perdido o juízo e desempenhava um papel que não lhe era conveniente (6, 1-5).⁶

Assim, ninguém é tão intimamente humano como ele e por isso conhece o ser humano profundamente a partir das raízes da humanidade e da mesma forma conhece o Pai através das raízes da divindade. Proclamar o messias constitui proclamá-lo filho de Deus. Isto afirma de fato a divindade de Jesus. Deus este que é capaz de permanecer na cruz até o final, que sofre e se abandona nas mãos dos homens e sofre com a falsa justiça humana. O Deus de Jesus mostra-se, por um lado, impotente diante do poderio romano e das autoridades judaicas (Mc 15, 32). O Deus revelado por Jesus está na contramão de muitos pensamentos sobre ele.⁷

Em alguns eventos da vida de Jesus o Pai se manifesta, dando a Ele o merecido estatuto divino. No batismo, o Pai confirma a filiação de Jesus: "Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo" (Mc 1, 11). Acontece aí a unção de Jesus. Este acontecimento marca de fato a messianidade de Jesus, indo na direção do messias servo (Is 42, 1; Sl 2, 7). Nesta direção, Guardini complementa o nosso pensamento: "a plenitude do *Pneuma* anima-O. S. Marcos fala ainda com mais força, com a palavra poderosa do mundo da experiência profética: O Espírito 'impele-O'"⁸. O Espírito que paira na criação, vem sobre Jesus para que Ele complete a obra do Pai, recriando a humanidade.

As tentações também expressam o ideal do tempo messiânico (Is 11, 6). Aí mantem-se fiel ao projeto do Pai. O messias é fiel ao projeto de Deus até as suas últimas consequências. A pregação e os milagres são serviços doados ao próximo. O reino que o messias vem instaurar é no coração humano, convidando para uma nova mentalidade a partir do Deus revelado e anunciado por Jesus (Mc 1, 15). A autoridade do messias vem de Deus que lhe confere o poder (*exusia*) (Mc 1, 27). Deus age na história em comunhão com seu filho amado. A justiça do messias não significa vingança, mas cura e libertação a começar pelos pobres e marginalizados. A autoridade tem seu ápice no amor dedicado ao próximo, sustentado pelo Espírito do Deus vivo.

O Deus do Messias Jesus está na esteira da revelação que se dá de forma humilde, sempre atenta ao que é mais precioso, a vida da humanidade, sem violência, sem opressão. Marcos apresenta o verdadeiro messias de uma tradição que ficara ofuscada pelo sonho pomposo de Israel em constituir novo reino e/ou se libertar das amarras de seus opressores. De fato, para muitos este Jesus não é esperado, não é bem-vindo, pois não consegue resolver os problemas sociais e políticos de uma vez por todas. Para outros é verdadeiro, porque eleva a dig-

6 Cf. COMBLIN, José. A Cristologia do Evangelho Segundo Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 64, p. 36-42, 1999.p. 37

7 Idem, p. 40

8 Cf. GUARDINI, Romano. *O Senhor: meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*. Lisboa: Livraria Agir, 1964. p.34-35.

nidade humana, através de sua encarnação, sendo fiel na dor por amor ao Pai e ao Reino.

2. Cristologia e Vivência Cristã a Partir de Fl 2, 6-11

O texto de Filipenses 2, 6-11 é conhecido e aceito pela maioria dos exegetas como um hino cristológico. Isso se deve às suas características como o ritmo composto por frases breves, o tipo de vocabulário que possui paralelismo e antítese. Também outra característica literária dos hinos é o pouco uso de conectivos, o que é conspícuo neste. Uma chave de leitura para os hinos cristãos é justamente seu caráter soteriológico, apresentando a pessoa de Cristo como salvador e soberano do mundo.

Este trecho da carta do apóstolo não é de sua autoria, mas sim um enxerto. Ou seja, ele já era conhecido entre muitos cristãos e possivelmente, era usado no contexto celebrativo litúrgico: Rm 6, 1-14; Gl 3, 27-28, eucarístico e pascal 1 Cor 8, 6; 12, 3. O apóstolo, por sua vez, usa o texto dentro de um contexto exortativo, como ficará mais explicitado na próxima sessão deste trabalho. Isto faz com que o texto seja considerado então como uma exortação hínica.

Quanto a divisão e estrutura, alguns estudiosos como Joaquim Jeremias, optam pela divisão de três estrofes: v. 6-7 (até a palavra servo), v. 7 ("fazendo-se semelhante (...)") até o v. 8 e a terceira parte: v. 9-11. Daí aqueles que optam por esta divisão, segundo Légasse, "consagram a primeira estrofe à preexistência do Cristo em Deus, a segunda à sua carreira terrestre até a morte, a terceira à sua glorificação" (LÉGASSE, 1984, p. 33). Mas o trecho em questão pode ser dividido de forma binária: v. 6-8 e v. 9-11. Na primeira é importante notar a antítese entre o que Jesus é e no que se tornou, ou seja, aparecem as antíteses da humilhação e exaltação. Já a segunda parte traz a resposta divina ao abaixamento de Jesus. Nesse sentido, "a história de Jesus tem, pois, dois tempos nitidamente distintos: no primeiro, ele é o protagonista ativo da decisão operativa de humilhar-se; no segundo, ao invés, é beneficiário da ação exaltadora de Deus" (BARBAGLIO, 1991, p. 378).

2.1 Tradução de Filipenses 2, 6-11⁹

6
Ele, embora sendo de natureza divina,
não considerou como uma vantagem o ser
igual a Deus,
7
mas esvaziou-se a si mesmo,
tomando a natureza de servo,
fazendo-se semelhante às pessoas,
e reconhecido em seu aspecto como um homem,

9 Cf. BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA Sagrada. Ed. Contemporânea de Almeida. Deerfiel: Vida, 1990.

BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 2004.

SILVANO, Zuleica. *Tradução de Fl 2, 5-11*. Belo Horizonte, 2011. [Texto disponibilizado pela professora].

8
 abaixou-se a si mesmo,
 tornando-se obediente até a morte,
 e morte numa cruz.
 9
 Por isso, Deus o sobreexaltou
 e agraciou-o com um nome
 acima de todo nome,
 10
 a fim de que, ao nome de Jesus,
 todo joelho se dobre,
 nos céus, na terra e no que se encontra embaixo da terra
 11
 e toda língua proclame,
 que Jesus Cristo é o Senhor,
 para a glória de Deus Pai.

Filipenses 2, 6-11 tem uma especificidade lexical em relação aos outros textos paulinos. Nesse sentido, merece destaque as expressões: *morphê* (forma, imagem, natureza), *isos* (igual, semelhante), *hyperypsosen* (sobreexaltou), *katachthonion* (subterrâneo). Alguns destes termos são encontrados em outros textos do Novo Testamento, como por exemplo *morphê*: “Depois disso, ele se manifestou de outra forma a dois deles, enquanto caminhavam para o campo.” (Mc 16,2)¹⁰. De outra forma, a expressão aparece no Corpus Paulino como *morphoúmai*: “meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós.” (Gl 4, 19). Nessa direção, ocorre o mesmo com a palavra *hyperypsosen*, uma vez que Paulo usa a palavra, em outros textos, *hypsoun*: “Terá sido falta minha anunciar-vos gratuitamente o Evangelho de Deus, humilhando-me a mim mesmo para vos exaltar.” (2Cor 11, 7).

Filipenses 2, 6-11 possui ligação com o trecho anterior (Fl 1, 27-30), que destaca a importância de se lutar pela fé. Aqui mais do que uma simples apologia, é importante viver em consonância com o Evangelho de Cristo. Nesse sentido, os quatro primeiros versículos do capítulo 2 iniciam com o apelo que o apóstolo faz em prol da unanimidade, passando da exortação pessoal à humildade e ao desprendimento. Isto não consiste numa teoria, mas parte de algo concreto e visível que é o próprio Cristo, o verbo encarnado. Daí o v. 5, último que antecede o texto, exorta para a conformação da vida com a de Cristo: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus.”

O hino cristológico começa com a afirmação da divindade de Jesus (v. 6). Ele preexistia em Deus e agora manifesta o ser de Deus em profundidade, pois é Deus mesmo que vem ao encontro da humanidade. Aqui pode parecer uma alusão a Gn 1, 26-27, na qual se fala do homem criado à semelhança de Deus. Mas neste versículo não é apenas semelhança, mas algo mais profundo, ou seja, mesma natureza, mesma essência (BARTH, 1983, p. 45).

Cristo esvazia-se de sua glória (v. 7), mas é neste esvaziamento de si que Ele revela o verdadeiro ser e amor de Deus. Ao fazer opção por uma vida igual

10 As citações bíblicas citadas do corpo do trabalho foram tiradas da BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 2004.

a das pessoas, Jesus se coloca como aquele que veio para ser obediente (Mt 20, 28). Nesse sentido, se a morte entrou no mundo por causa da desobediência de Adão (Rm 5, 19), pela obediência de Cristo (v. 8) ao Pai, toda a criação passa a ser redimida. Obediência que terá como consequência a morte numa cruz de forma escandalosa (1 Cor 1, 23). Assim, Jesus Cristo se torna dentro da tradição cristã a tipologia do servo de Javé (Is 53, 8-9).

A segunda estrofe do hino, segundo a divisão aqui adotada, inicia com a expressão “por isso” (v. 9), o que além de interligar as duas estrofes, designa o abaixamento como razão para a sobreexaltação. Esta, por sua vez, para Paulo tem o sentido de ressurreição, a ação soberana do Pai em relação ao filho (1Ts 1, 10; Rm 1, 4). Nesse sentido, é bom salientar que desde o Antigo Testamento Deus tem uma preocupação com a vida do justo e vem em seu auxílio (Is 52, 13; Sb 3, 8). A este obediente Jesus “em concreto, Deus o agraciou com um nome que é o mais excelso que existe.” (BARBAGLIO, 1991, p. 379). Por isso, todos devem reconhecê-lo como Senhor e é por isso que todo joelho deve ser dobrado diante dele (v. 10) assim como em Is 45, 23: “Com efeito, diante de mim se dobrará todo joelho”. Este ato fazia parte dos elementos característicos de sucessão de um rei ao trono, porém no caso de Jesus, rei do universo, não se trata de substituir a Deus, mas de viver com Ele, elevando também toda a humanidade a Deus.

Por fim, o último versículo (v. 11) tem uma conotação litúrgica, confirmada na doxologia final: “para a glória de Deus Pai.” O que servirá de base para a afirmação de que o hino era usado em contexto litúrgico.

Na perícope seguinte (Fl 2, 12-18), à luz do conteúdo hínico, o apóstolo convoca os destinatários da carta a operarem em favor da salvação. Paulo, orienta os filipenses a não murmurarem (v. 14), a fim de que a comunidade dê testemunho diante daqueles que não abraçaram a fé (v. 15). Depois destes versículos o Apóstolo coloca o foco em si, dizendo que seu esforço em prol deles, não foi em vão, mas se necessário fosse doaria a própria vida por causa da fé dos Filipenses.

3.1 Interpretação Teológica

Filipenses 2, 6-11 apresenta um conteúdo teológico rico e comprometedor do ponto de vista cristão. Este hino foi composto a partir da vivência das primeiras comunidades cristãs que celebravam sua vida e certamente faziam a experiência do Deus que se esvazia para assumir a humanidade por sua livre iniciativa. Jesus, como servo de Deus, se faz também solidário com a humanidade imbuída do pecado, assumindo as consequências de sua entrada na história humana. A comunidade cristã leu, certamente, o mistério da encarnação, buscando compreender qual o verdadeiro messianismo de Jesus viveu (Mc 10, 44-45); Jo 13, 12-15). Ou seja, o seguidor de Jesus deve ser capaz de sair de si, colocando-se a serviço de Deus e do próximo, fugindo, evidentemente da lógica da competição e da presunção.

O conteúdo cristológico deste escrito muito antigo, que coaduna a preexistência e a humanidade de Jesus, possui também uma mensagem soteriológica. Ou seja, o filho de Deus que se encarna, igual às pessoas em tudo, faz plenamente a vontade do Pai e religa a humanidade, novamente a Deus. Nesse sentido, a humanidade vive em Deus de uma vez por todas, pois aí está o envolvimento definitivo de Deus com a humanidade. O Deus, plenamente revelado em Jesus de Nazaré, é capaz de se esvaziar e vir ao encontro da criatura, ou seja, ouve e desce ao encontro de seu povo (Ex 12). A misericórdia de Deus pode ser contemplada no sentido de que Ele não abandona sua criatura, mesmo que outrora esta criatura se revoltara contra o criador, querendo seu lugar, o que fez com que conhecesse a morte. Deus não cessa de vir ao encontro das pessoas. Assim, dentro da economia da salvação, Deus envia seu próprio filho para viver e salvar a humanidade. Salvação esta que passará pela cruz (1 Cor 1, 23-24). Neste sentido, a vida de Jesus e seus sofrimentos por causa da humanidade revela o lado fecundo do sofrimento, revelando um amor levado até às últimas consequências.

Porém, a vida de Jesus não termina com a morte, o que seria um fracasso definitivo. Mas é na ressurreição do Filho que Deus mostra sua onipotência, elevando-o a toda glória. Aqui é mister lembrar que a vida de Jesus, a morte na cruz e a ressurreição (sobreexaltação) são acontecimentos inseparáveis à luz da fé cristã.

Contudo, seguir Jesus implica numa atitude de assumir a vida na obediência e escuta de Deus, efetivada no serviço e amor ao próximo. Ser cristão, dessa forma, é conduzir a vida a exemplo de Jesus, assumindo todas as consequências de uma vida ligada a Deus a partir da vivência da justiça. Porém, é bom não esquecer que a vida do cristão não se reduz e nem deve se resumir ao simples sofrimento, mas na vida que deve ser vivida plenamente, configurando a própria existência a de Jesus Cristo, sabendo que Deus faz justiça aos pobres, aos justos, aos oprimidos. Justiça esta que cada um é impelido a assumir na própria vida.

Considerações Finais

Discorrer sobre o tema do messianismo e sobre a *kenosis* de Jesus de Nazaré nos faz perceber a conexão teológica entre o Evangelho de Marcos e o Cântico de Felipenses. Em Marcos, a prática de Jesus é profundamente humana, deixando a Trindade se manifestar amorosamente em suas atitudes. Compreender a vida, a partir do evento teológico e salvífico de Jesus de Nazaré, é almejar uma trajetória humana pautada na autenticidade. A vida de Jesus de Nazaré revela as veredas de uma existência na qual o verdadeiro absoluto, Deus, faz-se presente de modo amoroso. Olhar para esse Messias inaudito, muitas vezes incompreendido em seu tempo, é buscar refletir sobre o cerne de sua mensagem que continua viva e atual. O Jesus histórico do passado, vive no coração daqueles que almejam existir a partir da coragem da fé. Isso mesmo, para ter fé, as-

sim como no tempo de Jesus, é necessário ousar ser autêntico e fiel em relação à mensagem do Evangelho.

Ao voltarmos o nosso olhar sobre o Cântico de Filipenses, percebemos que aquela comunidade sintetiza belamente, em versos poéticos, o mistério da encarnação. Mais do que isso, embora com suas dificuldades, como qualquer comunidade cristã, Filipenses entende que o filão do seguimento de Jesus perpassa pelo esvaziamento de si para que Deus possa plenificar a vida. Em tempos de grande egocentrismo no qual o que tem valido é o “parecer ser”, fruto de uma sociedade que busca a espetacularização da vida por meio do bombardeio das mídias sociais, voltar o olhar para o Cristo de Nazaré pode nos impelir ao redimensionamento de nós mesmos a partir do reconhecimento da necessidade do desapego do “eu narcisista”.

Contudo, a vida de Jesus se vincula à obediência a Deus e à sua consciência, é no silêncio profundo e orante que Jesus toma as grandes decisões, inclusive a de se entregar à violência dos homens. Nesse sentido, Jesus dá uma lição de coragem e de despojamento. Muitas vezes, a sua entrega e o seu sofrimento foram interpretados como passividade diante do mundo. Mas, pelo contrário, a existência *kenótica* do Messias de Nazaré revela a força daquele que domina o próprio “eu” efêmero em busca do “eu” eterno que é capaz de levar até às últimas consequência o projeto de vida plena, ecoando na existência o amor trinitário incomensurável.

Referências Bibliográficas

- BARTH, Gerard. *A Carta aos Filipenses*. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 43-52.
- BARBAGLIO, Giuseppe. À Comunidade de Filipos. In: _____. *As Cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1991. V. 3, p. 353-412.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 2004.
- BÍBLIA Sagrada. Ed. Contemporânea de Almeida. Deerfiel: Vida, 1990.
- BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 2004.
- COMBLIN, José. *Epístola aos Filipenses*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 36-45
- FABRIS, Rinaldo. *Lettera ai Fillippesi: struttura, commento e attualizzazione*. Bologna: EDB, 1983. P. 57-74.
- LÉGASSE, Simon. *A Epístola aos Filipenses e a Epistola a Filêmon*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 32 – 44.
- MARTIN, Ralph P. Hino a Cristo. In: HAWTHORNE, Gerald et al. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, Paulus, Vida Nova, 2008. P. 629 – 633.
- SILVANO, Zuleica. *Tradução de Fl 2, 5-11*. Belo Horizonte, 2011. [Tradução disponibilizada pela professora]

RENAUD, Bernard. Messianismo/Messias. In: LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004. P. 1124-1128.

GOMES, Rita Maria. *Jesus, o Messias inaudito*: hermenêutica do messianismo. Belo Horizonte: FAJE, 2011. p. 53 (Dissertação)

DUQUOC, Christian. A Loucura da cruz e o humano. A Loucura da cruz e o humano. *Concilium*, Petrópolis, p. 99 – 110, 1982. p. 102.

HOORNAERT, Eduardo. O Messianismo do Evangelho Q. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 52, p. 78-87, 1997. p. 79

COMBLIN, José. A Cristologia do Evangelho Segundo Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 64, p. 36-42, 1999. p. 37.

GUARDINI, Romano. *O Senhor: meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*. Lisboa: Livraria Agir, 1964. p.34-35.